

SUSANA MIRANDA DA SILVA

**SUJEITOS NULOS E PRONOMINAIS E SEU COMPORTAMENTO EM
SENTENÇAS NEGATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

PORTO ALEGRE

2021

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: GRAMÁTICA E SIGNIFICAÇÃO**

**SUJEITOS NULOS E PRONOMINAIS E SEU COMPORTAMENTO EM
SENTENÇAS NEGATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

SUSANA MIRANDA DA SILVA

ORIENTADOR: PROF. DR. GABRIEL DE ÁVILA OTHERO

Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**PORTO ALEGRE
2021**

Susana Miranda da Silva

SUJEITOS NULOS E PRONOMINAIS E SEU COMPORTAMENTO EM
SENTENÇAS NEGATIVAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Porto Alegre, 03 de março de 2021.

Resultado: aprovado

BANCA EXAMINADORA:

Izete Lehmkuhl Coelho
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas
Universidade Federal de Santa Catarina

Karin Camolese Vivanco
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Marcos Goldnadel
Departamento de Linguística, Filologia e Estudos Literários
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Susana Miranda da
Sujeitos nulos e pronominais e seu comportamento em
sentenças negativas do português brasileiro / Susana
Miranda da Silva. -- 2021.
46 f.
Orientador: Gabriel de Ávila Othero.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. sujeito expresso. 2. sujeito nulo. 3. negação.
4. português brasileiro. I. Othero, Gabriel de Ávila,
orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Gabriel de Ávila Othero, professor e parceiro no processo de construção deste trabalho, pela compreensão e paciência, por entender minhas limitações e reconhecer minha capacidade. Muito obrigada pela confiança.

Aos meus pais que, com toda sua simplicidade, me ensinaram que a Educação transforma vidas, agradeço o incentivo e confiança permanentes. Tudo que sou, devo a eles.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação, pelos ensinamentos e pelo conhecimento compartilhado ao longo deste período.

Aos meus colegas de trabalho da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, em especial a minha Chefe, Francine Baldigen, grande incentivadora do meu ingresso no mestrado e durante todo o período, e à Direção da FCE, por conceder o afastamento parcial que me permitiu esta conquista.

Aos meus amigos, por serem as pessoas que são em minha vida.

E por fim, e mais importante, ao meu marido, Tiago, pela ajuda, companheirismo e presença durante o trajeto, e ao meu filho, Miguel, razão da minha existência e força para enfrentar as batalhas. Obrigada por compreenderem minhas ausências ao longo deste período. Vocês são a minha estrutura.

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre o fenômeno da omissão e expressão de pronomes sujeitos no português brasileiro (PB) atual, com foco na análise de seu comportamento em sentenças negativas simples. Realizamos uma pesquisa sincrônica na qual buscamos verificar: (i) se há maior ocorrência de sujeitos nulos em relação aos expressos nestes contextos; (ii) se há relação de favorecimento da expressão pronominal com os traços semânticos dos referentes por eles retomados, no caso dos sujeitos expressos; (iii) as ocorrências de sujeitos nulos e outros aspectos envolvidos no favorecimento desses sujeitos. Para este estudo foram analisadas entrevistas do *corpus* LínguaPOA, produzido e transcrito entre 2015 e 2018. Foram analisadas as ocorrências de sujeitos pronominais, nulos e expressos, em sentenças finitas com estrutura canônica de negação, ou seja, com o elemento negativo “não” ocupando a posição à esquerda do verbo. Os resultados mostram que há maior ocorrência de sujeitos nulos na amostra analisada, configurando-se as sentenças negativas como um contexto de resistência à expressão do pronome sujeito. Verifica-se também que os traços semânticos dos referentes retomados por tais sujeitos pronominais são um fator relevante na alternância entre omissão e expressão do pronome, e que o fenômeno ocorre de forma diferente com relação às pessoas discursivas.

Palavras-chave: sujeito expesso; sujeito nulo; negação; Português Brasileiro.

RESUMEN

En este trabajo se presenta una investigación acerca del fenómeno de la omisión y expresión de pronombres sujetos en el portugués brasileño (PB), enfocando el análisis en su comportamiento en las oraciones negativas simples. Realizamos una investigación sincrónica en la que buscamos averiguar: (i) si hay mayor ocurrencia de sujetos nulos en relación a los expresos en esos contextos; (ii) si hay relación de favorecimiento de *ça* expresión pronominal con los rasgos semánticos de los referentes por ellos retomados, en el caso de los sujetos expresos; (iii) las ocurrencias de sujetos nulos y otros aspectos envueltos en el favorecimiento de esos sujetos. Para este estudio fueron analizadas entrevistas del *corpus* LínguaPOA, producido y transcrito entre los años 2015 y 2018. Fueron analizadas las ocurrencias de sujetos pronominales, nulos y expresos, en oraciones finitas con estructura canónica de negación, o sea, con el elemento negativo “*não*” ocupando la posición a la izquierda del verbo. Los resultados muestran que hay mayor ocurrencia de sujetos nulos en la muestra analizada, y que las oraciones negativas configuran un contexto de resistencia a la expresión del pronombre sujeto. Se verifica aún que los rasgos semánticos de los referentes retomados por estos sujetos pronominales son un factor relevante en la alternancia entre omisión y expresión del pronombre, y que el fenómeno ocurre de maneras distintas en relación a las personas discursivas.

Palabras-clave: sujeto expreso; sujeto nulo; negación; Portugués Brasileño.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Evolução nos paradigmas flexionais do português do Brasil	16
Quadro 2 – Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) em comparação de amostras.....	20
Quadro 3 – Sujeitos pronominais (vs. nulos) em comparação de amostras ...	20
Quadro 4 – Sujeitos nulos e preenchidos: comparando o avanço da mudança em um intervalo.....	23

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) nas três pessoas do discurso	16
Figura 2 – Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) de segunda pessoa	17
Figura 3 – Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) de primeira pessoa	18
Figura 4 – Sujeitos nulos (VS. pronomes expressos) de terceira pessoa	19

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Ocorrências de sujeitos pronominais nulos e expressos	28
Tabela 2: Pronomes plenos X nulos em sentenças negativas	32
Tabela 3: Pronome pleno vs. nulo por pessoa do discurso	34
Tabela 4: Gênero semântico dos referentes de 3ª pessoa	40
Tabela 5: Relação entre gênero semântico e alternância pleno vs. nulo dos sujeitos de 3ª pessoa	40
Tabela 6: Distribuição dos elementos nulos de acordo com a pessoa discursiva (singular)	41
Tabela 7: Distribuição de sujeitos nulos vs. plenos de 3ª pessoa do singular com referentes [+/- gên. sem.]	43
Tabela 8: Distribuição, no corpus LínguaPOA, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [+/- gs]	43

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição dos pronomes nulos e plenos	34
Gráfico 2: Distribuição das pessoas discursivas na amostra	38
Gráfico 3: Distribuição das ocorrências de 1 ^a e 2 ^a pessoas: pleno vs. nulos	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. O SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO	15
1.1 UMA BREVE REVISÃO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E RECENTES	15
1.2 MOTIVAÇÕES PARA A MUDANÇA	24
1.3 SENTENÇAS NEGATIVAS E OMISSÃO/ EXPRESSÃO DE SUJEITOS PRONOMINAIS EM PB.....	26
2. COMPORTAMENTO DO SUJEITO PRONOMINAL REFERENCIAL EM SENTENÇAS NEGATIVAS SIMPLES DO PB	29
2.1 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE.....	30
2.2 RESULTADOS GERAIS	30
3. MOTIVAÇÕES PARA O FAVORECIMENTO DO SUJEITO NULO EM SENTENÇAS NEGATIVAS	36
3.1 O PADRÃO SENTENCIAL V2 E AS SENTENÇAS NEGATIVAS.....	36
3.2 TRAÇOS SEMÂNTICOS DO REFERENTE E SUA RELAÇÃO COM A EXPRESSÃO/ OMISSÃO DO PRONOME SUJEITOS NAS SENTENÇAS NEGATIVAS.....	37
3.3 ANALISANDO A RETOMADA POR ELEMENTOS NULOS NAS SENTENÇAS NEGATIVAS.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	47

INTRODUÇÃO

Desde a década de 1990 até os dias atuais, diversos trabalhos¹ têm se dedicado ao fenômeno do sujeito nulo vs. pronominal no Português Brasileiro (doravante PB), apontando o preenchimento do sujeito como estratégia cada vez mais recorrente na língua.

Através de explicações e análises de aspectos de natureza estrutural e semântica, embasados em dados tanto de língua escrita como falada, esses estudos vêm demonstrando que o PB passou por uma remarcação no parâmetro do sujeito nulo, deixando de apresentar características de uma língua de sujeito nulo canônica, dados os contextos específicos em que o sujeito nulo ainda ocorre na língua.

Entre esses contextos em que o sujeito nulo resiste no PB atual, estão as sentenças nas quais um elemento de categoria “funcional” (advérbios de negação, advérbios aspectuais, clíticos e auxiliares) aparece na primeira posição da sentença, conforme apontam Duarte e Reis (2018), por exemplo.

Com base nessas ideias e nos trabalhos desenvolvidos por Othero (2020) e Othero e Goldnadel (2020), que se dedicam à análise do fenômeno do sujeito nulo vs. pronominal em sentenças com dupla negação no PB, propomos aqui uma análise desse fenômeno em sentenças negativas canônicas. Considerando que sentenças em que o elemento negativo ocupe a posição à esquerda do verbo sejam um contexto de resistência do sujeito nulo no PB atual, através da análise de amostra de língua falada esperamos verificar: i) se há maior ocorrência de sujeitos nulos em relação aos expressos nesses contextos; ii) se há relação de favorecimento da expressão pronominal com os traços semânticos dos referentes por eles retomados, no caso dos sujeitos expressos; iii) as ocorrências de sujeitos nulos e outros aspectos envolvidos no favorecimento desses sujeitos.

Organizamos o presente trabalho da seguinte maneira: no capítulo 1 retomamos diversos estudos dedicados ao fenômeno do sujeito nulo vs.

¹ Por exemplo, Duarte 1993,1995, 2018, Duarte e Reis 2018, Monteiro 1994, Othero e Spinelli 2019.

pronominal, passando pelas motivações para a mudança em direção ao preenchimento do sujeito pronominal e pelos estudos dedicados à negação. No capítulo 2, detalhamos alguns aspectos da pesquisa e apresentamos os resultados encontrados. No capítulo 3 apresentamos os aspectos que acreditamos estarem relacionados à expressão ou à omissão dos sujeitos pronominais nas sentenças negativas. Na sequência, realizamos as considerações finais do nosso trabalho.

1. O SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

1.1 UMA BREVE REVISÃO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E RECENTES

O enquadramento do português oral do Brasil como língua *pro-drop*, da década de 1990 à atualidade, tem sido tema de constantes estudos (como veremos ao longo do capítulo). O parâmetro *pro-drop*, proposto por Chomsky (1981), distingue as línguas quanto à possibilidade de apresentarem ou não sujeitos nulos, licenciados pela concordância nas línguas com sistema flexional rico. Línguas de sujeito nulo apresentam valor positivo para a marcação do parâmetro *pro-drop*.

Tarallo (1983) apontou o aumento nas ocorrências de sujeitos pronominais expressos no português brasileiro (PB), impulsionando as diversas pesquisas que se seguiram a partir da década de 1990 com o objetivo de buscar evidências de que o parâmetro *pro-drop* do português brasileiro passou por uma remarcação, deixando de ser uma língua que licencia sujeitos nulos para tornar-se uma língua de sujeito nulo parcial, podendo talvez tornar-se uma língua não *pro-drop*.

Pioneiro entre esses estudos, Duarte (1993) realiza uma pesquisa diacrônica na tentativa de encontrar evidências que atestem ou não a relação entre o aumento de sujeitos pronominais expressos e a redução dos paradigmas flexionais do português brasileiro. Através da análise de peças teatrais de caráter popular – por sua aproximação à língua oral – escritas no período de 1845 a 1992², Duarte constata que os paradigmas flexionais do PB evoluem de um sistema formalmente rico para um paradigma pobre, incapaz de licenciar sujeitos nulos. A simplificação nos paradigmas flexionais, segundo

² A amostra analisada está constituída pelas seguintes obras: *O noviço* (Martins Pena, 1845), *Como se fazia um deputado/Caiu o ministério* (França Jr., 1882), *O simpático Jeremias* (Gastão Tojeiro, 1918), *O hóspede do quarto n.2* (Armando Gonzaga, 1937), *Um elefante no caos* (Millôr Fernandes, 1955), *A mulher integral* (Carlos E. Novaes, 1975) e *No coração do Brasil* (Miguel Falabella, 1992).

Duarte, está relacionada às alterações no quadro de pronomes nominativos, conforme ilustra o seguinte quadro:

	PRONOMES NOMINATIVOS	PARADIGMA 1 SÉCULO XIX	PARADIGMA 2 SÉCULO XX/1	PARADIGMA 3 SÉCULO XX/2
1PS	eu	canto	canto	canto
1PP	nós <i>a gente</i>	cantamos -	cantamos cantaø	cantamos cantaø
2PS	tu você	cantas -	cantas cantaø	canta(s) cantaø
2PP	vós vocês	cantais cantam	- cantam	- canta(m)
3PS	ele, ela	cantaø	cantaø	cantaø
3PP	eles, elas	cantam	cantam	canta(m)

Quadro 1 – Evolução nos paradigmas flexionais do português do Brasil
Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p.85)³

Esse enfraquecimento do sistema flexional, que evolui de um sistema pronominal com seis formas distintivas para quatro (com a gramaticalização das formas nominais *a gente* e *você* como pronomes), acarretou uma alteração profunda na representação do sujeito pronominal. A análise dos sujeitos pronominais (nulos ou plenos) da amostra resultou, consideradas as três pessoas do discurso, na seguinte evolução de ocorrência de sujeitos nulos:

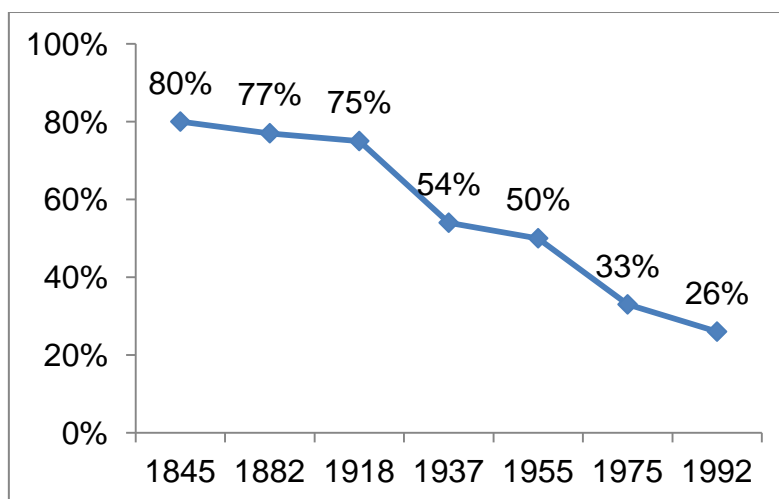


Figura 1 – Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) nas três pessoas do discurso
Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p. 88)

³ O estudo “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil” foi publicado originalmente em 1993 e revisado e republicado em 2018. Portanto, referimo-nos ao mesmo estudo, porém os gráficos foram extraídos da edição mais recente.

O sujeito nulo, conforme demonstra a Figura 1, passa de 80% das ocorrências no Paradigma 1 (período de 1845 a 1918) para 26% de ocorrências ao final do Paradigma 3 (período de 1975 a 1992). Conforme Duarte (1993, 2018), o Paradigma 2 (período de 1937 a 1955) configura claramente o período de transição entre o favorecimento do sujeito nulo para o preenchimento do sujeito pronominal.

Analisadas separadamente as três pessoas do discurso temos, conforme aponta Duarte (1993), a 2ª pessoa liderando a mudança nas ocorrências de sujeitos nulos, tendo sido a primeira pessoa do discurso a ser afetada pela mudança e a que apresenta percentuais mais significativos na transição do sujeito nulo para o expresso. Duarte destaca que a forma de 2ª pessoa com desinência distintiva (tu / vós) somente ocorre, na amostra analisada, nas peças do Paradigma 1, sendo a partir daí a forma utilizada o pronome *ocê*.

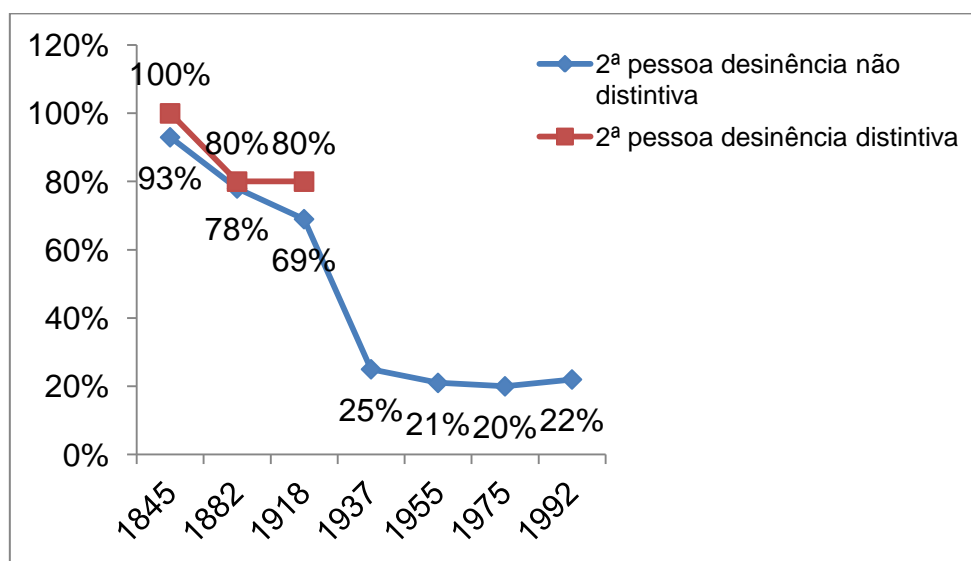


Figura 2 – Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) de segunda pessoa
Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p.89)

A 1ª pessoa é igualmente afetada pela mudança, embora a trajetória descendente seja menos brusca do que a apresentada para a 2ª pessoa. Cabe destacar, como aponta Duarte, que, embora a 1ª pessoa seja a única que ainda apresenta desinência distintiva a partir do Paradigma 2, tal fator já não é

suficiente para o favorecimento do sujeito nulo, o que indica que a riqueza funcional do paradigma flexional para o licenciamento do sujeito nulo encontra-se comprometida.

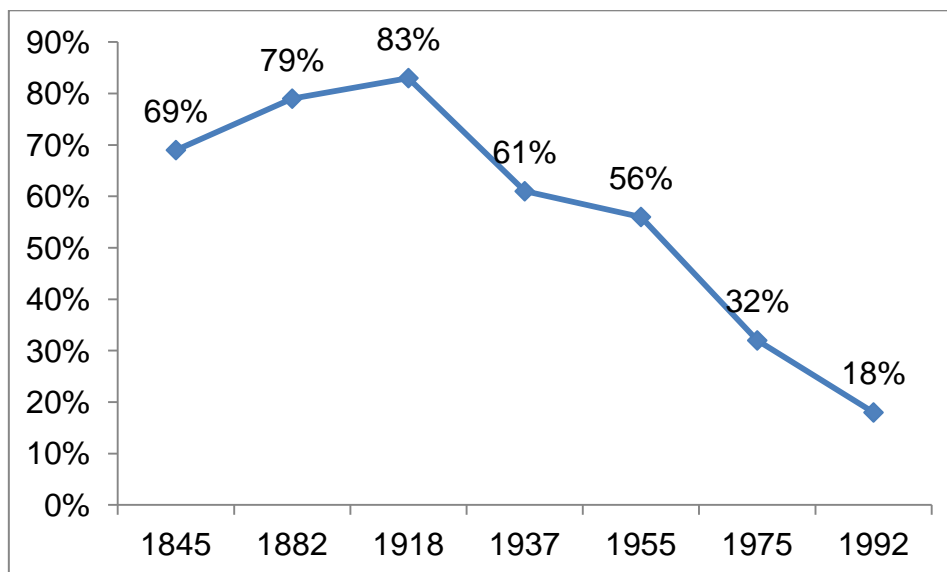


Figura 3 – Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) de primeira pessoa
Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p.91)

No que diz respeito à 3ª pessoa, na amostra analisada, esta é a única em que prevalece maior ocorrência de sujeitos nulos sobre os pronomes expressos,

o que nos coloca diante de uma assimetria: de um lado temos os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas representados, cada vez mais frequentemente pelo pronome expresso, e, de outro, o sujeito de 3ª pessoa, apresentando-se como um contexto de resistência à implementação da mudança em direção ao preenchimento. Duarte (2018, p.93)

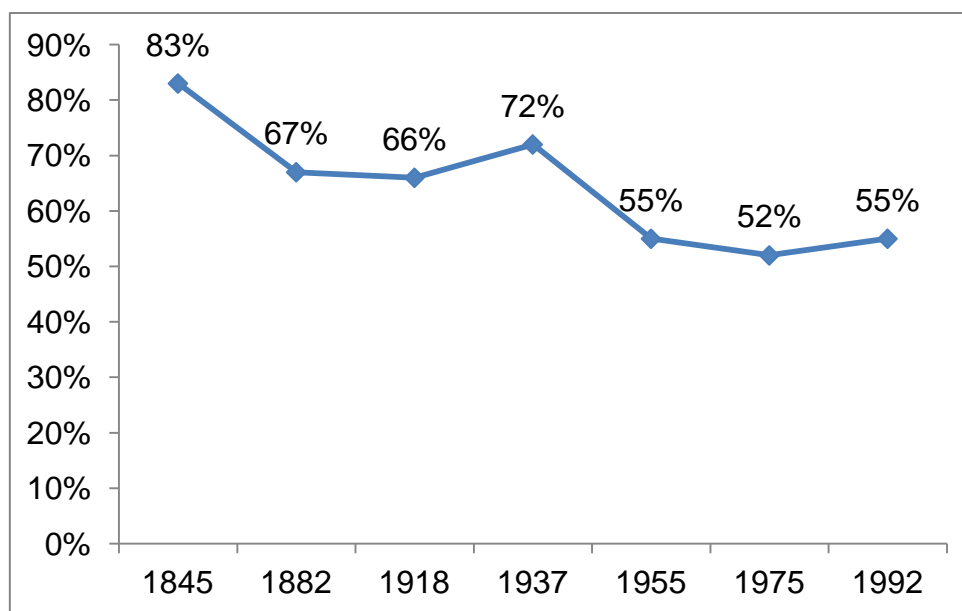


Figura 4 – Sujeitos nulos (VS. pronomes expressos) de terceira pessoa
 Fonte: Adaptado de Duarte (2018, p. 92)

Analisando tal assimetria, Duarte aponta o fato de que a 3ª pessoa licencia sujeitos nulos de forma diferente da primeira e segunda, e que um fator importante para este licenciamento é o fato de a maioria dos sujeitos nulos de 3ª pessoa apresentarem um referente com o traço semântico [-humano]. Tal fator destacado pela autora é retomado em análises futuras sobre o tema da omissão e expressão do sujeito pronominal no PB.

O que Duarte (1993) conclui é que a alteração no quadro de desinências verbais alterou as características do sistema flexional do PB, e que a ocorrência do sujeito nulo passou a ser um fenômeno periférico que depende de elementos externos à concordância, evidenciando uma mudança em progresso.

Com o objetivo de verificar até que ponto o português oral do Brasil pode ser considerado uma língua *pro-drop*, Monteiro (1994) dedica uma parte de seu trabalho acerca dos pronomes pessoais aos pronomes sujeitos. Para tanto, analisa um conjunto de 60 entrevistas orais do Projeto NURC que abarca inquéritos realizados em cinco cidades envolvidas no projeto⁴. No que diz

⁴ O projeto NURC (Norma Urbana Culta) teve seu início em 1970 com o objetivo de caracterizar a modalidade culta da língua falada nos centros urbanos das cidades do Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Salvador e Recife. As entrevistas que constituem a amostra foram gravadas nas décadas de 1970 e 1990.

respeito à expressão ou omissão dos sujeitos pronominais, Monteiro (1994) obtém resultados muito semelhantes aos obtidos por Duarte (1993) no Paradigma 3 (período 1975 a 1992). Vejamos o quadro comparativo:

Duarte (1993)		Monteiro (1994) ⁵
1975	1992	40%
33%	26%	

Quadro 2 – Sujeitos nulos (vs. pronomes expressos) em comparação de amostras.
Fonte: a autora.

Observa-se claramente que o PB, a partir da década de 1970, passa a favorecer o sujeito pronominal expresso. Os resultados de ambos os estudos são ainda mais semelhantes se observarmos separadamente as três pessoas do discurso.

Pessoa do discurso	Duarte (1993)		Monteiro (1994)
	1975	1992	
1p	68%	82%	64%
2p	80%	78%	75%
3p	48%	45%	45%

Quadro 3 – Sujeitos pronominais (vs. nulos) em comparação de amostras.
Fonte: a autora.

Os resultados de Monteiro (1994) corroboram o que Duarte (1993) já apontara em sua análise: a 2ª pessoa mostra-se a mais avançada no processo de mudança quanto ao preenchimento do pronome. A 1ª pessoa também já apresenta um alto índice de sujeitos expressos, ao passo que a 3ª pessoa apresenta, nas duas amostras, índices praticamente idênticos, prevalecendo o sujeito nulo sobre o pronome expresso. Para tal resultado, Monteiro (1994) chama a atenção para o fato de a marca desinencial da 1ª pessoa não ser fator

⁵ Monteiro (1994) não esclarece em que ano foram gravados os inquéritos analisados, por isso não estabelecemos aqui uma subdivisão. Para a comparação apenas nos baseamos no fato de as entrevistas do Projeto Nurc terem sido realizadas nas décadas de 1970 e 1990, o que corresponde aos períodos do Paradigma 3 de Duarte (1993).

determinante para a manutenção do sujeito nulo, tal como apontara Duarte (1993):

O que de mais surpreendente nos revela este quadro é que os pronomes *eu* e *nós* alcançam taxas de presença bem mais altas do que *ele* e *eles*. Ora, *nós* é sempre redundante, já que em todos os tempos verbais a primeira pessoa do plural apresenta a marca desinencial. Por seu turno, *eu* com frequência também se faz acompanhar de formas verbais marcadas flexionalmente. Em contraposição, a desinência verbal na terceira pessoa é zero na maioria dos tempos, o que logicamente deveria favorecer a presença dos pronomes. Monteiro (1994, p. 134).

Nesse sentido, também Monteiro destaca que a concordância, ou terminação verbal em seus termos, parece exercer menos influência na alternância entre sujeitos nulos e expressos de 3ª pessoa do que a noção *semântica de pessoa do discurso*, e que uma rede complexa de fatores controla o emprego dos sujeitos pronominais – fatores estes de ordem estrutural. Monteiro (1994) apontando a pesquisa de Paredes da Silva (1988), que analisa a presença ou ausência dos pronomes de terceira pessoa, lista entre esses fatores o caráter animado do referente.

Tanto Duarte (1993) como Monteiro (1994) sinalizam então a problemática que se apresenta em relação aos sujeitos de 3ª pessoa, uma vez que há uma assimetria em comparação com a 1ª e 2ª pessoas, que já apresentam uma mudança clara em direção ao preenchimento do sujeito pronominal, e a terceira, que ainda favorece os sujeitos nulos.

Buscando desvendar o percurso do preenchimento dos sujeitos pronominais de 3ª pessoa, Duarte (2012) retoma a análise de Duarte (1993) ampliando a amostra original⁶, uma vez que aponta o baixo número de dados de 3ª pessoa como uma das deficiências do primeiro estudo, e refina a análise através de elementos que estudos posteriores trouxeram para a discussão do

⁶ Foram acrescentadas à amostra de Duarte (1993) as peças: O troféu (Armando Gonzaga, 1937), A vida tem três andares (Humberto Cunha, 1938), Do tamanho de um defunto (Millôr Fernandes, 1955), Confidencias de um espermatozoide careca (Carlos Eduardo Novaes, 1986), A partilha (Miguel Falabella, 1990) e Como encher um biquíni selvagem (Miguel Falabella, 1992).

tema, enfocando dois aspectos principais: o padrão sentencial (de natureza estrutural), conforme proposto em Barbosa, Duarte e Kato (2005), e a hierarquia referencial (de natureza semântica), proposta em Cyrino, Duarte e Kato (2000). A análise dos padrões sentenciais indica que a distância do antecedente e a função distinta da de sujeito são os fatores que mais fortemente influenciam a retomada do referente por um pronome pleno. Quanto aos aspectos semânticos, analisados os referentes em termos da marcação dos traços [humano] e [específico], o traço [+humano] do antecedente é o influenciador da expressão do pronome, ao passo que o traço [-humano] é um inibidor. O traço de especificidade se mostra secundário, embora os antecedentes com traço [+específico], aliado ao traço [+/-humano], exerça influência na omissão ou expressão do pronome. O traço [-específico] é um fator de resistência dos sujeitos pronominais expressos.

Duarte (2012) demonstra então que, no caso dos sujeitos referenciais de 3ª pessoa, a implementação da mudança em direção à expressão do pronome se dá de forma diferente dos sujeitos referenciais de 1ª e 2ª pessoas, e que o favorecimento do pronome pleno está relacionado aos contextos de natureza estrutural e semântica.

Estudos mais recentes têm se dedicado a investigar o progresso da mudança apontada por Duarte (1993) em direção ao preenchimento do sujeito pronominal no PB, verificando se após a década de 1990 os índices de pronomes expressos aumentaram ou permanecem estáveis.

Othero e Spinelli (2019a) dão continuidade à pesquisa de Duarte (1993) analisando duas peças teatrais do século XXI⁷, escritas mais ou menos 20 anos após a última peça analisada por Duarte. Os resultados gerais foram semelhantes aos índices apontados por Duarte para os dados de 1992: os sujeitos pronominais plenos corresponderam a 73,3%, enquanto os nulos 26,7% dos dados obtidos por Othero e Spinelli. Os dados também demonstram semelhança de resultados para os sujeitos pronominais de 1ª e 2ª pessoas, mas destaca-se um aumento significativo na expressão dos sujeitos

⁷ Trata-se de duas peças teatrais cariocas de caráter popular, assim como as que constituem a amostra de Duarte (1993). As peças analisadas são de autoria de Diogo Liberano: *Sinfonia Sonho* (2011) e *Maravilhoso* (2013).

pronominais de 3ª pessoa, que chega a alcançar índices muito próximos aos de 1ª e 2ª, extinguindo a assimetria entre 1ª e 2ª pessoas (de um lado) e 3ª (de outro), como haviam encontrado Duarte (1993) e Monteiro (1994).

Pessoa do discurso	Duarte (1993) – peça 1992		Othero e Spinelli (2019a) – peças 2011 e 2013	
	<i>Sujeitos preenchidos</i>	<i>Sujeitos nulos</i>	<i>Sujeitos preenchidos</i>	<i>Sujeitos nulos</i>
1p	82%	18%	72%	28%
2p	78%	22%	76,6%	23,4%
3p	45%	55%	71%	29%

Quadro 4 – Sujeitos nulos e preenchidos: comparando o avanço da mudança em um intervalo de 20 anos.

Fonte: a autora

Também com o objetivo de investigar o avanço da mudança, Duarte e Reis (2018) realizam uma análise comparativa entre os resultados obtidos por Duarte (1995) com dados de amostra coletada nos anos de 2009 e 2010⁸. A 2ª pessoa apresentou quadro de mudança quase concluída, com 90% dos sujeitos pronominais preenchidos. A 1ª pessoa apresenta resultados muito próximos, 84%, resistindo o sujeito nulo em contextos muito específicos. A 3ª pessoa demonstrou avanço em direção ao pronome expresso, como também apontaram Othero e Spinelli (2019a), chegando ao índice de 73% de sujeitos expressos, o que supera significativamente o resultado da amostra de 1992 e indica que a opção do PB pelo sujeito pronominal expresso vem se confirmando.

O sujeito pronominal nulo, opção do PB para a retomada anafórica, teria sido desfavorecido pela alteração do sistema flexional – empobrecimento das desinências distintivas – e do quadro pronominal. As décadas de 1930 a 1950, como se percebe em Duarte (1993), foram o período de transição em direção à queda do sujeito nulo. A partir da década de 1970, o PB passa a ter preferência

⁸ Duarte (1995) analisou a fala carioca com base na Amostra NURC (Norma Urbana Culta – 1992). A amostra gravada entre 2009 e 2010 pertence ao Projeto Concordância e engloba falantes de duas localidades de Lisboa (Oeiras e Cacém) e do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu), tendo sido utilizados no estudo os dados da fala carioca.

pelo sujeito pronominal expresso na retomada anafórica, que atualmente já representa em média 70% das ocorrências, de acordo com os estudos aqui apresentados.

O que esses estudos também apontam é que este processo de mudança não aconteceu de maneira uniforme para as três pessoas do discurso: a mudança afetou primeiramente a 2ª e 1ª pessoas; a 3ª pessoa seguiu o percurso de forma mais lenta, mas atualmente já alcança os mesmo índices de preenchimento da 1ª e 2ª.

1.2 MOTIVAÇÕES PARA A MUDANÇA

A hierarquia de referencialidade, proposta por Cyrino, Duarte & Kato (2000), nos explica por que a pronominalização do sujeito no PB teria começado pela 1ª e 2ª pessoas. Segundo essa proposta, elementos com o traço [+humano] ocupam o ponto mais alto da hierarquia, enquanto elementos não argumentais ocupam o ponto mais baixo. A 1ª e 2ª pessoas apresentam, inerentemente, o traço [+humano], portanto são altamente referenciais na hierarquia. Já a 3ª pessoa apresenta alternância dos traços [+/- humano], pois pode apontar para elementos tanto humanos como não humanos, ocupando dessa forma uma posição intermediária na hierarquia.

Referentes mais altos na hierarquia têm a tendência de serem retomados por pronomes, enquanto referentes mais baixos na hierarquia são preferencialmente retomados por sujeitos nulos. (Othero e Spinelli, 2019b, p. 7).

Seguindo essa hipótese, Duarte (2012) e Duarte e Reis (2018) analisam os sujeitos pronominais nulos e expressos de 3ª pessoa e concluem que, sendo o antecedente um elemento com o traço [+humano], o PB tende a expressá-lo por meio de um pronome pleno. Outros traços, como o de especificidade, também foram considerados na análise, mas o traço [+/- humano] mostrou ser o que mais fortemente favorece o pronome pleno.

Outro fator de ordem linguística apontado por Duarte e Reis (2018, p. 183) como relevante na alternância entre omissão e expressão do sujeito pronominal de 3ª pessoa é o padrão sentencial, “em virtude de certas configurações sintáticas terem no sujeito nulo a forma não marcada de realização nas línguas [+Sujeito Nulo] [...]” ao que o uso de um pronome expreso nesses contextos representa “uma forte evidência de desobediência ao princípio “evite pronome” que subjaz as línguas de sujeito nulo consistentes”. Vejamos os padrões sentenciais analisados pelos autores⁹:

- Padrão A: o sujeito da encaixada posposta é correferente com o sujeito da oração matriz – a. O fato d[**os juízes**]_i esquecerem [que um dia **eles**_i foram advogados]; b. Então, o que era comédia assim era o próprio amigo deles que faziam isso. Aí, **ele**_i fingia [que \emptyset _i matava].
- Padrão B: o antecedente é sujeito e se encontra em um período adjacente – a. [**César Maia**]_i era mais tranquilo. **Ele**_i investia mais; b. Mas, o garoto ficou. \emptyset _i Tinha saído do berço dele.
- Padrão C: o antecedente exerce outra função sintática e se encontra no mesmo período ou no período adjacente – a. O povo aqui de baixo tinha ódio d[**o Brizola**]_i [porque **ele**_i fez isso nas favelas]; b. Mas eu gostava de ter [**essas aulas**]_i. E, \emptyset _i era(m) muito boa(s).
- Padrão D: o antecedente é o sujeito de uma oração não adjacente no contexto precedente, ou seja, há uma ou mais orações intervenientes, ou ainda os referentes são separados – a. [**O meu filho**]_i tava chegando em casa – que nós trabalhamos com festa, como eu te falei, né – e **ele**_i tinha ido comprar bolas. Aí, não tinha as bolas que nós queríamos. **Ele**_i trouxe o dinheiro. **Ele**_i era bem mais novinho. \emptyset _i Trouxe o dinheiro no bolso; b. **Ela** (a mãe) veio pra cá com dezoito anos, vinte, por aí. Aí, conheceu **o papai** aqui, também fugido da guerra. \emptyset _i Casaram e foram morar em Ipanema, num apartamento na Joana Angélica – uma gracinha! O

⁹ Os exemplos foram extraídos de Duarte e Reis (2018, p. 187-189).

prédio ainda existe até hoje. Depois, quando eu nasci, mamãe tava grávida. Ø_i Foram pra o andar de cima.

- Padrão E: o antecedente, na função de sujeito, se encontra na encaixada que precede a matriz e é correferente com o sujeito dessa oração posposta – a. Se **ele_i** tem, alguma coisa **ele_i** fez. – retoma fulano; b. [Se [**o ladrão**]_i é um pouco esperto], **ele_i** vem pra cá; c. [Se [**o aluno**]_i tem problema], Ø_i vem pra gente conversar.

Analisando os diferentes padrões sentenciais de acordo com a posição do antecedente, Duarte e Reis (2018) apontam que os padrões E, D e C, nesta ordem, são os que mais favorecem o uso do pronome devido à acessibilidade sintática perdida pela falta de c-comando. Os padrões sentenciais B e A, nesta ordem, representam contextos de resistência ao pronome expresso, embora tenham apresentado índices de sujeito expresso superiores a 50%.

O que os estudos desenvolvidos desde Duarte (1993) vêm apontando é que o PB apresenta, cada vez mais, fortes evidências de que já não se caracteriza como uma língua de sujeito nulo canônica.

1.3 SENTENÇAS NEGATIVAS E OMISSÃO/ EXPRESSÃO DE SUJEITOS PRONOMINAIS EM PB

Como vimos até aqui, a literatura tem mostrado que o PB deixou de favorecer os sujeitos nulos e passou a preferir os sujeitos pronominais expressos na retomada anafórica, deixando então de apresentar características de uma língua *pro-drop* canônica. As ocorrências de sujeitos nulos estão cada vez mais restritas a contextos específicos, determinados por fatores de natureza estrutural e semântica, como os padrões sentenciais que vimos acima e os traços semânticos dos antecedentes retomados por esses sujeitos pronominais (tal como [+/- humano] e [+/- gênero semântico], como explicaremos na seção 2.3.

Entre esses contextos de resistência, Duarte (1995) aponta que, “quanto à 1ª pessoa, os sujeitos nulos ainda resistem em contextos iniciais, principalmente com uma categoria funcional em primeira posição, como a negação e advérbios aspectuais, clíticos ou um auxiliar”, embora o sujeito expreso prevaleça de maneira geral para a 1ª pessoa (In: Duarte e Reis, 2018, p. 177). Para as demais pessoas do discurso, não há referência quanto à influência desse contexto na alternância entre omissão ou expressão dos pronomes sujeitos, mas tal observação do estudo de Duarte pode estar relacionada ao fato de que, conforme Othero (2020) alguns trabalhos têm apontado para o fato de que a posição à esquerda do verbo pode ser ocupada por elementos que não são “sujeitos canônicos”, mas podem fazer as vezes de sujeito (cf. Avelar e Cyrino 2008; Costa, Rodrigues e Augusto 2012; Munhoz e Naves 2012, por exemplo). É o que Kato (2020) chama de *prosódia linear V2*, hipótese segundo a qual um elemento (de qualquer natureza) à esquerda do verbo favoreceria o sujeito nulo. Isso aconteceria porque, no ordenamento linear da frase, o verbo estaria ocupando a mesma posição que ocuparia numa frase com sujeito preenchido. Nesse sentido, de acordo com Kato (2020), a variação das propriedades do sujeito nulo referencial no PB envolve uma restrição de natureza prosódica. Isso fica bastante claro em casos de inversão do sujeito com elementos locativos, por exemplo:

- (1) Aqui dormem as crianças.
- (2) *Dormem as crianças aqui.
- (3) *Dormem aqui as crianças.

O advérbio locativo torna a frase aceitável apenas se aparece à posição mais esquerda, mantendo o verbo na segunda posição estrutural/ linear da superficialização prosódica (compare com *As crianças dormem aqui*)¹⁰.

Baseado nesses fatos, Othero (2020) analisa como a dupla negação influencia a omissão ou a expressão do sujeito pronominal. Vejamos exemplos do autor nos quais se apresentam sujeitos preenchidos (4) e nulos (5) nas construções de dupla negação:

¹⁰ Cf. Pilati (2006) e Kato (2020) para argumentação e mais exemplos.
 PILATI, E. *Aspectos Sintáticos e Semânticos das Orações com Ordem Verbo-Sujeito no português do Brasil*. Tese de Doutorado, UnB, 2006.

(4) Eu estou achando que [**ele não vai aguentar a ponta não**].

(5) Não, [**∅ não me obrigou não**]. Fui por livre e espontânea vontade.

Com base em amostra do projeto VARSUL¹¹, o autor investiga as ocorrências de dupla negação em um *corpus* de fala transcrita composto de 36 entrevistas orais gravadas ao longo da década de 1990, buscando confirmar suas hipóteses de que, se o primeiro elemento da dupla negação estiver atuando como um sujeito não canônico, o sujeito nulo prevalecerá nessas construções. De fato, a análise dos dados confirmou a hipótese, apontando os seguintes resultados:

Sujeitos		
Nulos	62/85	73%
Preenchidos	23/85	27%

Tabela 1: Ocorrências de sujeitos pronominais nulos e expressos.
Fonte: Othero (2020)

No caso da dupla negação, a literatura tem sugerido que o primeiro elemento negativo está passando por um processo de gramaticalização, perdendo sua carga fonética e semântico-pragmática, o que estaria possibilitando que seja usado para outra função: preencher foneticamente a margem esquerda do sintagma verbal, destinada canonicamente ao sujeito em PB (Othero, 2020). O que cabe destacar nos resultados obtidos pelo autor é que, comparados com os resultados para a omissão ou expressão dos sujeitos pronominais de maneira geral, as construções de dupla negação apresentam índices inversos de sujeitos nulos e preenchidos ao que o PB vem apresentando: enquanto os sujeitos expressos no PB se encontram na casa dos 70%, consideradas apenas as construções de dupla negação esses não alcançam 30% das ocorrências.

¹¹ O projeto VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) busca estudar a língua falada na região Sul do país e do qual participam quatro universidades brasileiras: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Federal do Paraná (UFPR).

No caso da dupla negação, como aponta Othero (2020), o processo de gramaticalização (entre outros fatores) pelo qual está passando o primeiro elemento negativo da construção pode explicar por que essas estruturas estariam favorecendo os sujeitos nulos. Como mencionamos anteriormente, Duarte (1995) aponta as estruturas negativas simples como um contexto de resistência dos sujeitos nulos de 1ª pessoa.

A partir do que ambos os estudos nos sugerem, interessa-nos aqui analisar como os sujeitos pronominais nulos e expressos se manifestam nas construções negativas simples, ou seja, nas sentenças negativas canônicas em que há apenas um elemento negativo sem alterações nas suas cargas fonética e semântico-pragmáticas, a fim de verificar se há prevalência de um em detrimento de outro e que fatores estariam relacionados, ou condicionariam, estas ocorrências.

2. COMPORTAMENTO DO SUJEITO PRONOMINAL REFERENCIAL EM SENTENÇAS NEGATIVAS SIMPLES DO PB

Uma vez que os estudos clássicos e recentes nos apontam que o PB passou por uma mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo e que cada vez mais apresenta sujeitos referenciais preenchidos por pronomes, nosso interesse aqui é verificar como tal fenômeno afeta as sentenças negativas do PB. Como mencionamos anteriormente, Othero (2020) analisou construções do PB em que ocorre a dupla negação, e constatou que nessas sentenças prevalecem os sujeitos nulos. Duarte (1995) já apontara que quando um advérbio negativo ocupa a posição inicial na sentença, há prevalência de sujeito nulo (citando casos de sujeito em 1ª pessoa).

2.1 PROCEDIMENTOS DA ANÁLISE

Para esse trabalho utilizamos o corpus do projeto LínguaPOA, produzido e transcrito entre 2015 e 2018 na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Esse acervo de entrevistas sociolinguísticas resulta da conversação entre entrevistador e entrevistado, na qual segue-se um roteiro de perguntas do qual resultam narrativas de experiências pessoais e impressões sobre a cidade.

O acervo LínguaPOA faz parte do projeto Variação fonético-fonológica e classe social na comunidade de fala de Porto Alegre, coordenado pela Profa. Dra. Elisa Battisti, do Programa de Pós-Graduação em Letras – UFRGS e registrado no CNPq. Os informantes entrevistados são nascidos em Porto Alegre ou se mudaram para a cidade até os 5 anos, tendo ali vivido maior parte de suas vidas. O projeto segue os seguintes critérios de estratificação:

- 4 zonas: Centro (Central), Norte, Sul, Leste
- 2 bairros por zona (por renda média mensal em salários mínimos, cf. ObservaPOA – WWW.observapoa.com.br)
- 3 grupos etários: 20-39 anos, 40-59 anos, 60 ou mais anos
- 3 níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior

- 2 gêneros: masculino e feminino

Esse estudo consiste na análise de 8 entrevistas do corpus, que totalizam 122 páginas de língua falada transcrita de diferentes informantes. Os condicionamentos sociais não foram considerados nesse trabalho.

Realizamos a análise da transcrição, identificando as sentenças em que o elemento negativo “não” ocupa a posição anterior ao verbo na sentença, sem distinção entre sentenças coordenadas e subordinadas. Foram excluídas as sentenças nas quais o verbo se encontra na forma infinitiva (6), sendo contabilizadas na análise apenas as sentenças com verbo flexionado.

(6) Sim, eu gosto de ouvir música. E eu estudava com o rádio [até pra *não precisar ficar* tendo que escolher muita música,] né, ficava tocando, mais fácil. (entrevista 03)

Identificamos, nas sentenças contabilizadas, a ocorrência de sujeitos referenciais pronominais, classificando-os em nulos (\emptyset) ou plenos (expressos pelo pronome), cf. exemplos (7) e (8).

(7) Eu sou formado em engenharia de computação, [mas agora \emptyset *não* trabalhando na área que me formei]. (entrevista 03)

(8) **Eu** *não* acho que seja tão ruim o transporte público de Porto Alegre. (entrevista 03)

Ao mesmo tempo, identificamos e classificamos os sintagmas nominais (SN) antecedentes (referentes dos sujeitos nulos) de acordo com o traço de gênero semântico (como veremos na seção 3.2), no caso da 3ª pessoa, bem como identificamos os sujeitos nulos de 1ª e 2ª pessoas.

Foram excluídas da análise sentenças com a estrutura *não + verbo saber* (1ª pessoa do singular), nas quais se percebe uso equivalente a estruturas fixas (9) e (10). Das 16 ocorrências desse tipo, todas apresentaram sujeito nulo.

(9) E o meu marido já não, o meu marido já gosta de almoça(r), do arroz e feijão e \emptyset *não sei o quê*. (entrevista 06)

(10) [...] e esse museu \emptyset não sei das quanta. (entrevista 30)

Na seção 2.2 passamos a apresentar os resultados encontrados na análise, esclarecendo aqui que os cálculos foram realizados por nós, não tendo sido submetidos a tratamento estatístico. Resultados percentuais foram arredondados para mais quando a primeira casa decimal foi igual ou superior a 5, e para menos quando menor.

2.2 RESULTADOS GERAIS

Encontramos na amostra analisada 590 ocorrências de sujeitos pronominais em sentenças negativas. Dessas, 280 sentenças apresentaram sujeitos plenos (com pronome expresso) e 310 apresentaram sujeito nulo, conforme se verifica na tabela:

	Números absolutos	%
Pleno	280	47
Nulo	310	53
Total de ocorrências	590	100%

Tabela 2: Pronomes plenos vs. nulos em sentenças negativas
Fonte: a autora

Das sentenças da amostra, 542 ocorrências correspondem a sentenças no singular, ou seja, apresentam referentes pronominais (nulo ou pleno) correspondentes à 1ª, 2ª ou 3ª pessoa do singular no discurso, e 48 ocorrências correspondem a sentenças no plural, com referentes (nulos ou plenos) que correspondem à 1ª, 2ª ou 3ª pessoas do plural no discurso.

As formas nulas e plenas de referência à 1ª pessoa do singular apresentaram o maior número de ocorrências na amostra (425 das 590 ocorrências do *corpus*). Sobre isso, Monteiro (1994, p.132) explica que

muitos linguistas já observaram a tendência do homem de falar bem mais de si mesmo do que de outros seres ou coisas, além da relação direta com o tipo de discurso – há uma tendência de maior presença do eu em diálogos espontâneos.

Sendo o *corpus* constituído por entrevistas orais, nas quais se fazem perguntas em grande parte relacionadas ao entrevistado ou seu ponto de vista sobre algum tema, a alta incidência de referência à 1ª pessoa do singular se enquadra nessa explicação. As formas plenas (11) e nulas (12) de 1ª pessoa do singular apresentaram a mesma distribuição.

(11) **Eu** não costumo viajar pra fora. (entrevista 120)

(12) \emptyset Não vou nem entrar no mérito da questão. (entrevista 120)

Quanto às demais pessoas, a 2ª pessoa do singular apresentou ocorrências praticamente idênticas para as formas nulas (13) e plenas (14). No caso da 3ª pessoa, prevaleceram as ocorrências de sujeitos nulos tanto para o singular (15) quanto para o plural (16).

(13) \emptyset Não te lembra de ouvi(r) histórias quando era pequena? (entrevista 06)

(14) E **tu** não assiste jogos de futebol, também? (entrevista 03)

(15) [...] em qualquer outra cidade que tu vá, o seu *Centro Histórico*; tá liberado de trânsito, ele é basicamente peatonal, para que as pessoas possam ir e ficar em segurança, \emptyset_i não é um corredor [...] (entrevista 120)

(16) Geralmente as *pessoas*; (es)tão saindo e entrando no serviço ou (es)tão vindo comprar alguma coisa então sempre tão assim, \emptyset_i não (es)tão, nunca (es)tão à vontade, assim, sabe? (entrevista 06)

Embora com poucas ocorrências, na 1ª (17) e 2ª (18) pessoas do plural o sujeito pleno prevaleceu em relação ao nulo.

(17) **Nós** não tínhamos, ahn, pessoal pra limpeza da escola. (entrevista 30)

(18) **Vocês** não se encontram pra nenhum tipo de celebração, assim? (entrevista 03).

O Gráfico 1 nos permite verificar a ocorrência das formas nulas e plenas na amostra analisada, consideradas as 590 ocorrências.

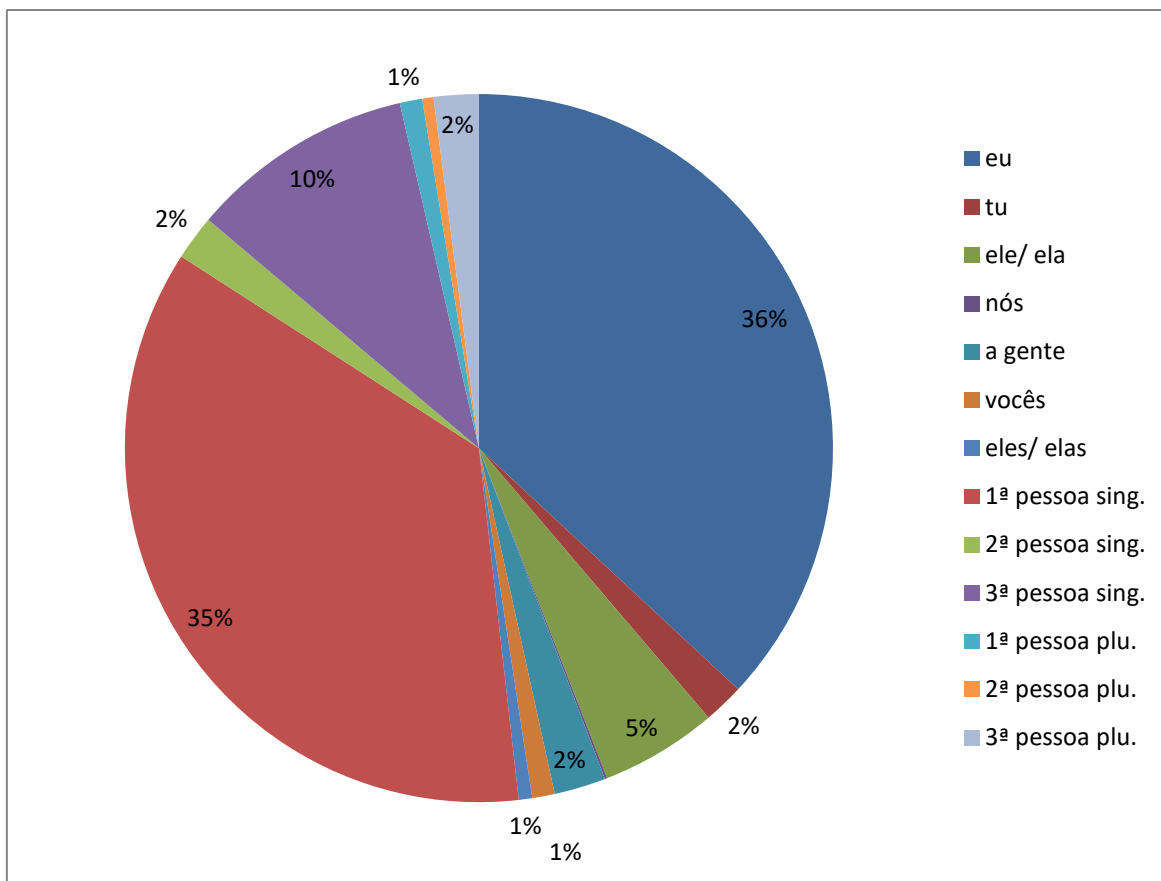


Gráfico 1: Distribuição dos pronomes nulos e plenos¹²
Fonte: a autora

Na Tabela 3, podemos observar a distribuição entre as formas plenas e nulas de acordo com as ocorrências para cada pessoa discursiva.

Pessoa	Total	Plenos		Nulos	
		Ocorrências	%	Ocorrências	%
eu/ 1ps	425	213	50	212	50
tu/ você/ 2ps	23	11	48	12	52
ele/ ela/ 3ps	94	31	33	63	67
nós/ a gente/ 1pp	24	15	62	9	38
vocês/ 2pp	9	6	67	3	33
eles/elas/ 3pp	15	4	27	11	73

Tabela 3: Pronome pleno vs. nulo por pessoa do discurso
Fonte: a autora

De modo geral, a análise demonstrou que, nas sentenças negativas simples do PB, há preferência pela forma nula do sujeito pronominal, confirmando o que já apontara Duarte (1995) sobre sentenças iniciadas por

¹² Não houve ocorrências com o pronome pleno você. Podemos atribuir tal fator às características do *corpus*, uma vez que a amostra de fala está restrita a falantes de Porto Alegre.

advérbios de negação (entre outros elementos) e seguindo a mesma tendência demonstrada por Othero (2020) para as sentenças com dupla negação, uma vez que os sujeitos nulos representam 53% das ocorrências do *corpus* analisado, enquanto os sujeitos plenos pronominais alcançaram 47% das ocorrências, confirmando nossa hipótese inicial.

Cabe destacar que esses resultados demonstram que, no que diz respeito às sentenças nas quais o elemento negativo ocupa a posição à esquerda do verbo, o PB, ao privilegiar o sujeito nulo, vai em sentido oposto à tendência de expressão do sujeito referencial pronominal, uma vez os estudos dedicados ao tema tem demonstrado índices de 70% de expressão do pronome (cf. referências já citadas).

No próximo capítulo, tentaremos demonstrar algumas possíveis explicações para esse comportamento.

3. MOTIVAÇÕES PARA O FAVORECIMENTO DO SUJEITO NULO EM SENTENÇAS NEGATIVAS

3.1 O PADRÃO SENTENCIAL V2 E AS SENTENÇAS NEGATIVAS

Ao tratar da mudança do PB de uma língua de sujeito nulo prototípica para uma língua de sujeito nulo parcial, Kato (2020) propõe que, paralelamente à perda da riqueza morfológica, no nível da forma fonética o PB passou por uma mudança na prosódia sentencial. Segundo essa hipótese, da possibilidade de V-inicial, ou V1 (19), das línguas prototípicas de sujeito nulo, o PB passa a ter preferência pelo padrão linear V2, no qual o verbo ocupa a segunda posição na sentença (20), motivo pelo qual o PB passa a apresentar menor ocorrência de sujeitos nulos¹³. Kato, 2020.

(19) **É**^{V1} americano?

(20) *Você* **é**^{V2} americano?

Sobre a preferência do PB pelo sujeito expresso, Kato e Duarte (2018) propõem que o princípio “Evite Pronome”, característico das línguas pro-drop, passa a ser reinterpretado no PB como “Evite V1”. *Embora V2 tenha se tornado o padrão sentencial com sujeito expresso, o apagamento do sujeito pode ocorrer quando ocorrem elementos leves pré-verbais como advérbios leves, negação, clíticos, locativos em primeira posição que preservem o padrão linear V2, como podemos observar em (21). Kato e Duarte, 2018.(In: Kato, 2020).*

(21)

- a. **Já** trabalhava naquela época.
- b. **Nunca** ouviu falar nele?
- c. **Não** aguentou o tranco.
- d. **Me** tornei independente.

¹³ Exemplos de Kato (2020).

Assim, considerando que o PB privilegia sentenças com o padrão V2, podemos atribuir o maior número de ocorrências de sujeitos nulos em relação aos sujeitos plenos pronominais, nas sentenças negativas, a essa hipótese, uma vez que nessas construções o verbo já estará na segunda posição na sentença, sendo a posição inicial ocupada pelo elemento negativo “não”, explicando de maneira geral os resultados encontrados em nossa análise, nos quais constatamos a ocorrência de 53% de sujeitos nulos nas sentenças negativas analisadas.

No entanto, se a construção com o elemento negativo satisfaz a condição do padrão sentencial com o verbo na segunda posição na oração, por que ainda assim, no *corpus* analisado, encontramos em 47% das sentenças negativas sujeitos pronominais expressos?

Retomando os estudos acerca do fenômeno da expressão ou omissão do sujeito pronominal no PB, verifica-se que fatores semânticos, como os traços [+/- humano] ou o gênero semântico do referente, são apontados como determinantes nessa alternância, como vimos no capítulo 1.

Considerando então que os fatores semânticos estão envolvidos na alternância, também nas sentenças negativas, buscaremos nos traços semânticos dos referentes uma possível explicação para os 47% de ocorrência de sujeitos expressos por pronomes em nossa amostra.

3.2 TRAÇOS SEMÂNTICOS DO REFERENTE E SUA RELAÇÃO COM A EXPRESSÃO/OMISSÃO DO PRONOME SUJEITO NAS SENTENÇAS NEGATIVAS

Como mencionamos anteriormente, Cyrino, Duarte e Kato (2000) propõem uma “hierarquia de referencialidade” para justificar a mudança do PB para a expressão pronominal do sujeito referencial. Segundo essa proposta, referentes que possuem o traço [+humano] ocupam posição mais alta na hierarquia, e teriam sido os primeiros a serem afetados pela mudança. Sendo

os pronomes de 1ª e 2ª pessoas inerentemente [+humano], justifica-se que a mudança tenha iniciado por esses pronomes e que apresentem então os índices mais altos de expressão no PB atual.

Na amostra analisada, os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas representam 81% das ocorrências (Gráfico 2). Dessas, 51% recorrem ao pronome pleno, enquanto 49% apresentam elemento nulo (Gráfico 3)¹⁴.

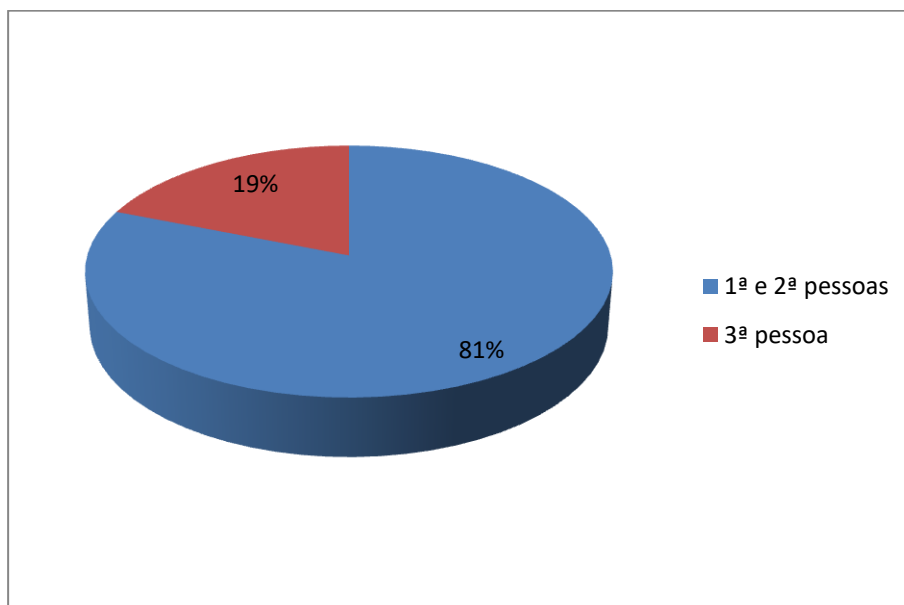


Gráfico 2: Distribuição das pessoas discursivas na amostra
Fonte: a autora

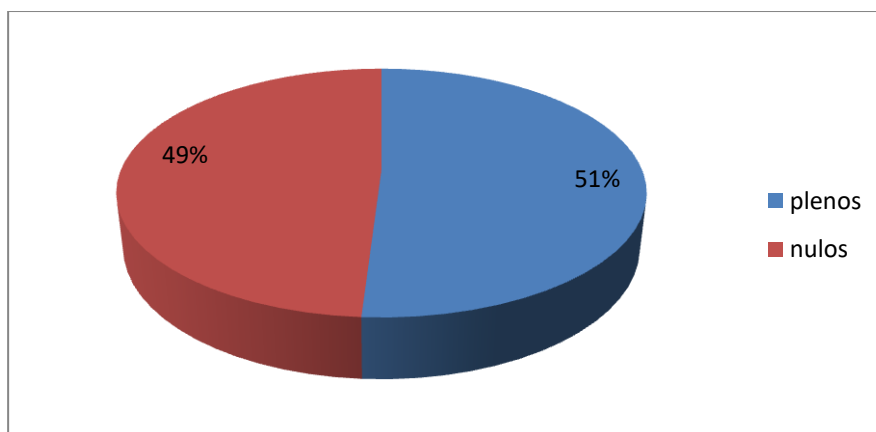


Gráfico 3: Distribuição das ocorrências de 1ª e 2ª pessoas: pleno vs. nulos
Fonte: a autora

¹⁴ Em números absolutos, os sujeitos de 1ª e 2ª pessoas representam 480 das 590 ocorrências.

Seguindo ainda a proposta da hierarquia de referencialidade, temos a 3ª pessoa ocupando uma posição mais intermediária na escala, uma vez que os pronomes que remetem a essa pessoa discursiva podem apontar para referentes [+humanos] ou [-humanos], fazendo com que, no caso da 3ª pessoa, o traço [+/-específico] também precise ser considerado.

A fim de sintetizar o número de traços a ser considerado, Othero e Spinelli (2019b) transpõem para a análise do sujeito referencial a hipótese do gênero semântico, inicialmente proposta por Creus e Menuzzi (2004) para a análise da alternância entre pronomes plenos e nulos na função de objeto direto anafórico em PB.

Essa hipótese afirma ser o traço de gênero semântico o fator determinante para o uso de pronomes plenos ou elementos vazios na função de objeto direto anafórico em PB: “os efeitos dos traços de animacidade e especificidade [...] podem ser preditos por uma oposição única: a oposição entre os antecedentes que possuem e os que não possuem gênero semântico”. Othero e Spinelli, 2019b, p.8.

Sobre o gênero semântico, afirmam Othero e Schwanke (2018, p. 156-157):

O traço de gênero semântico diz respeito à classificação que distingue substantivos que denotam seres sexuados de substantivos que denotam seres não sexuados; ou, talvez de forma mais precisa, o traço distingue substantivos que denotam sexo natural aparente, como *homem, mulher, professor, cachorro* etc., de substantivos que não denotam sexo natural aparente, como *mesa, livro, vítima, cônjuge, boneco, tartaruga* etc. Referentes inanimados são marcados negativamente para esse traço; substantivos animados, contudo, não têm necessariamente um gênero semântico específico: *pessoa, habitante, estudante* etc. Ou seja, alguns substantivos têm gênero gramatical, mas não gênero semântico inerente.

Aplicando-se a hipótese do gênero semântico ao sujeito referencial, verifica-se a tendência de que referentes com gênero semântico explícito sejam retomados, preferencialmente, por pronomes; nos casos em que o referente é

marcado como [-gên. sem.]¹⁵, a retomada ocorrerá preferencialmente por um elemento nulo.

Considerando então que a 1ª e 2ª pessoas, por apresentarem o traço [+humano] são consideradas inerentemente [+gên. sem.], aplicamos a análise do traço de gênero semântico às ocorrências de 3ª pessoa, e encontramos os seguintes resultados:

Pessoa	Total de ocorrências	+ gên. sem.		- gên. sem.	
		nº absoluto	%	nº absoluto	%
3ª pessoa	109	35	32	74	68

Tabela 4: Gênero semântico dos referentes de 3ª pessoa
Fonte: a autora

Dados esses resultados, verificamos a alternância entre nulos e plenos para os sujeitos de 3ª pessoa, a fim de relacionar a hipótese do gênero semântico a essa alternância. Se a hipótese estiver correta, encontraremos entre os referentes [+gên. sem.] maior ocorrência de pronomes plenos, e entre os referentes [-gên. sem.] maior ocorrência de elementos nulos. Como se observa na Tabela 5, os resultados confirmam a hipótese.

	plenos		nulos	
	nº absoluto	%	nº absoluto	%
+ gênero semântico	23	66	12	44
- gênero semântico	13	18	61	82

Tabela 5: Relação entre gênero semântico e alternância pleno vs. nulo dos sujeitos de 3ª pessoa
Fonte: a autora

O que os resultados nos mostram, até aqui, é que os traços semânticos dos referentes influenciam diretamente na alternância entre nulos e plenos, bem como já observaram os diversos estudos aqui referenciados. No entanto, percebe-se que um conflito de princípios está atuando no PB quando se trata das sentenças negativas: as construções negativas favorecem a retomada do sujeito referencial por elemento nulo (o que se confirma nos resultados gerais da amostra), mas ao mesmo tempo o traço [+humano] favorece a expressão

¹⁵ Adotamos essa abreviação, acompanhada dos sinais + ou -, para indicar a marcação do traço de gênero semântico.

dos sujeitos pronominais de 1ª e 2ª pessoa, e o traço [+gênero semântico] favorece a expressão dos sujeitos pronominais de 3ª pessoa.

Esses resultados nos possibilitam entender o índice de 47% de ocorrências (conforme Tabela 2) de pronomes plenos nas sentenças negativas: os traços semânticos dos referentes retomados por esses pronomes favorecem a ocorrência do pronome pleno.

3.3 ANALISANDO A RETOMADA POR ELEMENTOS NULOS NAS CONSTRUÇÕES NEGATIVAS

Como dissemos na seção anterior, parece-nos que, no caso das sentenças negativas, um conflito entre o favorecimento dos elementos nulos e os traços semânticos dos referentes retomados está atuando na alternância entre sujeitos plenos e nulos referenciais no PB.

Analizamos as ocorrências nas quais a retomada anafórica foi realizada por um elemento nulo, a fim de verificar outros fatores, além do padrão linear V2, que podem estar atuando no favorecimento desses elementos nulos nas sentenças negativas.

Verificamos aqui apenas as ocorrências de 1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular, uma vez que estas formam a maior parte da amostra¹⁶. Vejamos então estas ocorrências:

Pessoa	Ocorrências	Plenos	%	Nulos	%
1ª	425	213	50	212	50
2ª	23	11	48	12	52
3ª	94	31	33	63	67

Tabela 6: Distribuição dos elementos nulos de acordo com a pessoa discursiva (singular)

Fonte: a autora

¹⁶ Das 310 ocorrências de elementos nulos, 287 ocorrências correspondem às três pessoas do singular.

Como já mencionamos anteriormente, a 1ª e a 2ª pessoas encontram-se em variação livre na alternância entre nulos e plenos nas sentenças negativas, resultado do conflito entre o padrão linear V2, que favorece os sujeitos nulos, e o traço semântico [+humano], que favorece a expressão dos pronomes plenos.

Duarte e Reis (2018, p. 177), ao tratar da mudança do PB do pronome nulo para o pleno, apontam que *a 2ª pessoa se apresenta como um caso de mudança quase concluída, com sujeitos nulos restritos a contextos em que são pragmaticamente identificados, [...] como perguntas.*

Foi o que constatamos em nossa amostra: das 12 ocorrências de nulos, 10 se apresentam em contexto de pergunta (22).

(22) Mas \emptyset não costuma sair nem um pouquinho, assim, ao cinema, comer fora? (entrevista 48)

Encontramos também em Duarte e Reis (2018, p. 177) uma observação acerca da 1ª pessoa: *quanto à 1ª pessoa, os sujeitos nulos ainda resistem em contextos iniciais, principalmente com uma categoria funcional em primeira posição, como a negação [...].* Tal resistência pode estar relacionada ao padrão sentencial V2, do qual tratamos na seção 2.2. No entanto, ainda que, em termos percentuais, a 1ª pessoa apresente a mesma distribuição entre nulos e plenos, em números absolutos contabilizamos 213 sujeitos plenos (23) de 1ª pessoa contra 212 sujeitos nulos (24). Parece-nos que o padrão V2 começa a não ser suficiente para a manutenção do nulo de 1ª pessoa, no caso das sentenças negativas.

(23) **Eu** não acho que seja tão ruim o transporte público de Porto Alegre, acho que tem lugar muito pior. (entrevista 03)

(24) [...] leio fluentemente em espanhol, né, e digamos assim, \emptyset não morro de fome na França. (entrevista 120).

Analisando os sujeitos nulos de 3ª pessoa, encontramos então a confirmação da hipótese do padrão linear V2, uma vez que na 3ª pessoa o conflito não se apresenta: 63% das ocorrências apresentam elemento nulo na

retomada anafórica (Tabela 6), o que pode ser explicado pelo gênero semântico dos referentes, como mostram os resultados da Tabela 7:

Traço semântico	Plenos	Nulos	Total
+ gên. semântico	20 (65%)	11(35%)	31 (100%)
- gên. semântico	12 (19%)	51(81%)	63 (100%)

Tabela 7: Distribuição de sujeitos nulos vs. plenos de 3ª pessoa do singular com referentes [+/- gên. sem.]

Fonte: a autora

Ao compararmos os resultados da Tabela 7 com as análises de Othero e Spinelli (2019b, p. 22), no qual se apresentam a distribuição entre nulos e plenos com referentes [+/- gên. sem.], para a 3ª pessoa, nas sentenças em geral, podemos verificar que o contexto específico das sentenças negativas favorece o sujeito nulo, uma vez que, nas sentenças em geral, os resultados apresentaram variação livre, enquanto nas negativas 81% dos referentes [-gên. sem.] são retomados por elementos nulos.

Traço semântico	Sujeito nulo	Sujeito pronominal	Total
[+ gs]	8 (3,3%)	236 (96,7%)	244 (100%)
[- gs]	78 (49%)	81 (51%)	159 (100%)

Tabela 8: Distribuição, no corpus LínguaPOA, de sujeito nulo vs. pronominal com referentes [+/- gs].

Fonte: Othero e Spinelli (2019b).

Podemos perceber então que, no caso das sentenças negativas que apresentam sujeitos nulos, além do padrão sentencial V2 outros fatores estão relacionados a essas ocorrências e atuam de formas diferentes nas diferentes pessoas do discurso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos o fenômeno do sujeito nulo vs. pronominal em sentenças negativas do PB. Através da análise de amostra de língua falada, e considerando apontamentos da literatura recente sobre o tema, centramos nossa pesquisa nas sentenças negativas canônicas, aquelas em que o elemento negativo “não” ocupa a primeira posição na sentença, ou a posição à esquerda do verbo, uma vez que essas sentenças configurariam um contexto de resistência dos sujeitos nulos, conforme referências já citadas.

Realizamos nossa pesquisa com foco em três objetivos: i) verificar se há maior ocorrência de sujeitos nulos em relação aos expressos nestes contextos; ii) verificar se há relação de favorecimento da expressão pronominal com os traços semânticos dos referentes por eles retomados, no caso dos sujeitos expressos; iii) verificar as ocorrências de sujeitos nulos e outros aspectos envolvidos no favorecimento desses sujeitos.

O primeiro resultado de nossas análises, referente ao objetivo (i), foi que as sentenças negativas, de modo geral, apresentaram maior ocorrência de sujeitos nulos e, embora a diferença entre pronomes nulos e plenos não seja tão expressiva, a hipótese de que a estrutura de negação é um contexto de resistência do sujeito nulo se confirmou. Tal resistência pode ser explicada pelo padrão sentencial linear V2, uma vez que, nessas sentenças, o verbo está colocado na segunda posição em função da presença do elemento negativo.

O segundo resultado, referente ao objetivo (ii), foi que os traços semânticos dos referentes retomados, principalmente no que diz respeito à 1ª e à 2ª pessoa, estão atuando em conflito com o padrão linear V2, uma vez que os traços analisados favorecem a expressão do sujeito pronominal e o padrão sentencial V2 das negativas favorece a retomada por elemento nulo. Os resultados encontrados apontaram variação livre na relação expressão/omissão quando os referentes apresentam o traço [+humano], caso da 1ª e 2ª pessoas, ou [+gên. sem.], no caso da 3ª pessoa.

No que diz respeito ao objetivo (iii), verificamos que: a) no caso da 2ª pessoa, além da estrutura sentencial negativa, outro contexto de resistência influenciou a relação expressão/ omissão do sujeito pronominal, a saber: sentenças interrogativas, que permitem a fácil identificação pragmática do referente; b) no caso da 1ª pessoa, que também apresentou variação livre na relação omissão/ expressão, a afirmação de Duarte e Reis (2018) de que essa pessoa discursiva apresenta maior ocorrência de elementos nulos nas sentenças com essa estrutura não foi confirmada, o que nos leva a crer que a alta referencialidade do pronome de 1ª pessoa pode estar afetando essa relação; c) no caso da 3ª pessoa, na qual não se apresenta conflito entre o padrão linear V2 das sentenças e os traços semânticos do referente, o sujeito nulo foi favorecido pelo contexto da negação.

Depreendemos então dessa análise o seguinte:

(i) as sentenças negativas constituem um contexto de resistência para o sujeito nulo no PB atual, possivelmente devido ao padrão linear V2 dessas sentenças. Conforme Kato (2020), esse padrão seria responsável pela maior expressão de sujeitos pronominais, uma vez que a perda do princípio “evite pronome”, proposta por Duarte (1995), levou o PB a uma remarcação do parâmetro para “evite V1”, condição já atendida nas sentenças negativas pela posição do elemento de negação;

(ii) a mudança em direção à expressão dos sujeitos pronominais, motivada pela remarcação do parâmetro, afetou as pessoas discursivas de maneiras distintas, como aponta Duarte (1993). A 1ª e a 2ª pessoas foram as primeiras a serem afetadas; só mais tarde a 3ª pessoa passou a apresentar índices de expressão semelhantes, conforme apontam Othero e Spinelli (2019). Com base nos estudos citados, podemos afirmar que os traços semânticos dos referentes retomados por esses pronomes contribuem de forma significativa para isso, uma vez que a referencialidade, determinada pelos traços, interfere diretamente no favorecimento da expressão ou omissão dos pronomes. Como vimos, referentes [+humanos] e [+gên. sem.] tendem a ser expressos, enquanto [-humanos] e [-gên. sem.] tendem a ser retomados por elemento nulo.

Os resultados demonstram que o princípio gramatical dos traços semânticos está em conflito com o favorecimento dos sujeitos nulos atuante nas sentenças negativas, uma vez que a 1ª e a 2ª pessoas apresentaram variação livre na relação omissão/expressão. Já no caso da 3ª pessoa, por ter apresentado maior ocorrência de referentes [-gên. sem.], o sujeito nulo foi favorecido. Dado esse contexto, podemos dizer que também nas sentenças negativas a relação omissão/expressão dos sujeitos pronominais vem ocorrendo de formas distintas em relação às pessoas discursivas, processo semelhante ao que demonstram os estudos clássicos sobre a mudança do PB em direção ao preenchimento do sujeito.

Nosso objetivo principal com este estudo foi de contribuir para os estudos do fenômeno do sujeito nulo vs. pronominal no PB, em especial no contexto de sentenças negativas.

REFERÊNCIAS

AVELAR, J.; CYRINO, S. **Locativos preposicionados em posição de sujeito: uma possível contribuição das línguas Bantu à sintaxe do português brasileiro.** Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto, v. 3, p. 49-65, 2008.

BARBOSA, P.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. **Null subjects in European and Brazilian Portuguese,** Journal of Portuguese Linguistics, v. 4, p. 11-52, 2005.

COSTA, I. O.; RODRIGUES, E. S.; AUGUSTO, M. R. A. **Concordância com tópico: o caso dos verbos meteorológicos em relativas cortadoras.** ReVEL, edição especial n. 6, 2012.

CREUS, S; MENUZZI, S. **O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro.** Revista da ABRALIN, Florianópolis, v. 3, n. 1-2, 2004.

CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E.; KATO, M. A. **Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese.** In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter.* Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, p. 55-104, 2000.

DUARTE, M. E. **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil.** In: ROBERTS, I.; & KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica.* Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

DUARTE, M. E. **A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro.** Tese de doutorado, UNICAMP, 1995.

DUARTE, M. E. L.; MOURÃO, G. C.; SANTOS, H. M. **Os sujeitos de 3ª pessoa: Revisitando Duarte 1993.** In: DUARTE, M. E. L. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos.* São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

DUARTE, M. E. **Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil.** In: ROBERTS, I.; & KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica.* 3 ed., São Paulo: Contexto, p. 83-103, 2018.

DUARTE, M. E. L.; REIS, P. R. **Revisitando o sujeito pronominal vinte anos depois**. ReVEL, vol. 16, n. 30, 2018.

KATO, M. **Determinantes prosódicos em mudança sintática**. Abralín ao vivo, 2020.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. **Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro**. VEREDAS: Sintaxe das Línguas Brasileiras. Volume 18/1, 2014.

KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. **Pre-verbal position in BP: a reinterpretation of “avoid pronoun principle”**. Diadorim, Rio de Janeiro, vol. 20 – Especial, p. 610-626, 2018.

MONTEIRO, J. L. **Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil**. Fortaleza: Edições UFC, 1994.

MUNHOZ, A. T. M. & NAVES, R. R. **Construções de tópico-sujeito: uma proposta em termos de estrutura argumental e de transferência de traços de C**. SIGNUM: Estudos Linguísticos, Londrina, n. 15/1, p. 245-265, jun. 2012.

OTHERO, G. A. **A negação nas línguas: um universal linguístico**. Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades, Unigranrio, v. VI, n. XXIII, out-dez, 2007.

OTHERO, G. A.; SCHWANKE, C. **Retomadas anafóricas de objeto direto em português brasileiro escrito**. Revista de Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 147-185, 2018.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. **Sujeito pronominal exposto e nulo no começo do séc. XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB)**. Domínios de Lingu@gem, Uberlândia, v. 13, n. 1, p. 7-33, 3 fev. 2019 a.

OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. **Um tratamento unificado da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa em português brasileiro**. Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v.61, n. 1, p. 1-30, jan./abr. 2019 b.

OTHERO, G. A. **Over and null subject in double negative construction in Brazilian Portuguese.** Vienna workshops on Portuguese Linguistics, 2020.

OTHERO, G. A.; GOLDNADEL, M. **Omissão de sujeito pronominal anafórico e as construções de dupla negação.** Cadernos de Estudos Linguísticos, Campinas, v. 62, n. 00, p. e020011, 2020.

TARALLO, F. **Relativization strategies in Brazilian Portuguese.** Tese de Doutorado. University of Pennsylvania, 1983.